

## Projecto Trigal Jornal Escolar, doze anos de existência

ALEXANDRA VIEIRA

*Escola Secundária de Caldas das Taipas*

ALFREDO OLIVEIRA

*Escola Secundária de Caldas das Taipas*

alfredojorge@sapo.pt

### Resumo:

A educação para os media pode ser entendida como educação para a comunicação e para o exercício educativo pleno. Os projectos que visam promover a comunicação e a reflexão sobre as práticas comunicativas em contextos escolares são uma forma de promover a consciência e a capacidade de intervenção. Segundo Pinto (2003), o jornalismo escolar pode ser entendido como uma "escola" de aprendizagem da liberdade e da responsabilidade, que ajude a reconhecer o que de significativo se passa ou se vai passar; a enunciar situações e problemas; a exprimir opiniões e desejos dos vários agentes educativos. Educar para os media é também educar para a literacia e para a consciência crítica e, conseqüentemente, para a cidadania.

Esta perspectiva tem vindo a nortear todo o processo de elaboração do jornal escolar "Trigal", visando contribuir para a construção identitária da escola; dar visibilidade às múltiplas iniciativas; mostrar os trabalhos realizados pelos alunos no âmbito disciplinar; produzir conteúdos que possam vir a ser utilizados em contexto de aprendizagem; e promover visões dinâmicas e problematizadoras do mundo actual.

O primeiro número do "Trigal" surgiu em Janeiro de 1999, é trimestral ao longo do ano lectivo e tem tido uma publicação ininterrupta. O seu conteúdo é informativo e formativo e não negligencia a vertente lúdica. Retrata os acontecimentos da escola, sem esquecer o meio em que se insere e a realidade nacional e mundial.

Fazer do jornal escolar um instrumento cívico para a discussão de temas relevantes para a comunidade escolar e para a promoção de relações entre a escola e o meio tem sido uma preocupação. Em todas as edições são tratados temas onde isso é evidente, a ponto de diversos trabalhos publicados terem merecido destaque na imprensa regional e nacional. O Trigal tem sido distinguido a nível nacional e regional, tendo obtido dois primeiros prémios, no concurso promovido pelo "Público na Escola" e outros dois, pelo Gabinete de Imprensa de Guimarães.

### Palavras-chave:

jornalismo escolar, educação para os media, educação para a cidadania, literacia para os media.

## Problematização breve dos conceitos educação para a cidadania e literacia para os media

Actualmente, parece haver consenso na ideia de que a “formação pedagógica e cultural para uma relação crítica e esclarecida com os media e o campo mediático constitui uma das dimensões em que se traduz e se promove a cidadania” (Pinto, 2003b:121). Poderá, no entanto, haver alguma multiplicidade de teorias e de práticas e até de discursos políticos que, afirmando que pretendem promover o espírito crítico, diluem a literacia para os media na literacia digital e confundem participação com consumo (Buckingham, 2009: 22). Por isso, os desenvolvimentos actuais tornam vitais as “velhas” questões críticas sobre os media, em vez das euforias decorrentes de formas de participação potenciadas pelos avanços tecnológicos, nomeadamente da Web 2.0. Em Portugal, segundo Pinto (2003b), a experiência da educação para os media tem sido fragmentária, inconsequente e desarticulada, por exemplo, na acção conjunta entre política e educação.

Do ponto de vista empírico, no nosso país parecem escassear os trabalhos de investigação, avaliação, acompanhamento e sistematização das várias iniciativas e da sua tradução no terreno que, ao longo de quase três décadas, têm visado a promoção da literacia para os media em contextos escolares. Segundo Pinto, razões históricas estão na origem da reduzida abordagem dos media, da cultura mediática e da sociedade da informação em terreno educativo (2003a:46).

Este mesmo autor, Manuel Pinto, define três eixos da educação para os media: a educação com ou pelos media, isto é, os media como recurso pedagógico e didáctico (o nível mais elementar); a alfabetização mediática, ou seja, o conjunto de competências necessárias para aceder e usar de forma eficiente os media; e a educação para a comunicação e a participação, com ênfase nos processos individuais e sociais de capacitação e de compreensão do mundo próximo e distante, em ordem à expressão e intervenção nesse mesmo mundo (Pinto, 2003a:47). O autor descarta o eventual mediocentrismo para afirmar que se trata de educar para a comunicação, o verdadeiro sentido da educação para os media.

Ainda segundo o mesmo autor, “a comunicação, tal como a educação, precisa de ser pensada no quadro das relações e das práticas sociais, de forma enraizada e contextualizada, em íntima conexão com as culturas, no sentido antropológico do conceito” (Pinto, 2003a:47). Este autor vai buscar a Paulo Freire a *natureza dialógica* do processo (em oposição ao modelo de *educação bancária*, identificado por Freire) e a Martin-Bárbero a ruptura com as abordagens mediocêntricas que remetem os actores para uma posição passiva de destinatários, para focalizar nas modalidades de apropriação e de significação da cultura de massas e dos processos através dos quais as identidades se definem e se transformam (Pinto, 2003a:47-48). Devolver às pessoas e aos grupos uma margem relativa de iniciativa face ao seu meio envolvente, é um requisito fundamental no trabalho da educação para os media.

Nesta perspectiva, surge com fundamental dar protagonismo e expressão aos mais novos, na senda da Convenção dos Direitos da Criança, nomeadamente do Artigo 12º, que refere o direito a exprimir livremente a opinião e do Artigo 13º que refere a liberdade de expressão. Formula-se, assim, uma noção de criança-cidadão, com direito a participar e a fazer-se representar, e não de actores sociais incompletos. Deste modo, segundo Pereira (2000:4),

*“a educação para os media diz respeito ao conjunto de teorias e práticas que visam desenvolver a consciência crítica e a capacidade de iniciativa face aos meios de comunicação social. Uma educação a este nível não pode ser entendida apenas como uma forma de proteger as crianças [e os jovens] de certos conteúdos dos media, ou como uma forma de lhes incutir certas opiniões morais que as ensinam a distinguir os maus conteúdos e escolher os de melhor qualidade. Nem deve ser entendida apenas como uma forma de ensinar às crianças [e os jovens] a 'desconstruir'*

*as mensagens e compreender com que interesses e com que objectivos as mensagens são transmitidas. Educar para os media significa desenvolver o espírito crítico. E este significa, por exemplo, ter a capacidade de distinguir fantasia da realidade, distinguir informação útil da não útil, a verdadeira da falsa; compreender que as mensagens dos media são construções com determinados objectivos; compreender o papel económico, político, social e cultural dos media na comunidade local e global.*

Por sua vez, o espírito crítico é estimulado pela produção própria das crianças e dos jovens. Esta produção de informação e de comunicação resulta de um ciclo de acção, reflexão e diálogo em que os mais novos, através das suas próprias escolhas e práticas, aprendem como a indústria dos media funciona e como as suas mensagens são veiculadas.

De acordo com Pinto, “a educação para os media não se reduz à introdução e à utilização das novas tecnologias da informação e comunicação na escola; não se pode circunscrever ao estudo dos media nem à produção de jornais”. A educação para os media considera quer a dimensão da análise (leitura crítica) quer a da produção, procurando desenvolver uma perspectiva holística que entende os media não apenas como conteúdos ou mensagens, mas também como indústrias e serviços político-económicos e socioculturalmente situados e como propostas diferencialmente apropriadas e significadas ao nível das práticas sociais e dos contextos de recepção. Além disso, a educação para os media procura promover a tomada de consciência dos modos socioculturalmente distintos de comunicar, de desenvolver competências de expressão e de comunicação de todos, em ordem a uma participação activa e esclarecida na vida local e social (Pinto, 2003b:127-128).

Assim, desde sempre, “a educação para os media trabalha com materiais estruturados, organizados na qualidade de ‘mensagens mediáticas’ que se inscrevem num sistema de produção, de difusão e de recepção bem organizada. É, aliás, porque elas se apresentam como ‘construções’ que podemos abordar a educação para os media como um fenómeno de ‘desconstrução’ e de exploração dessas construções que são vistas igualmente como representações (ou fragmentos de representações) particulares do mundo (Vieira, 2006:5).

De resto, esta ideia do desenvolvimento do espírito crítico, relativa às produções mediáticas, que reúne um consenso alargado de autores, implica a compreensão dos media na sua mensagem analítica, socialmente construída, ou seja, perceber que o trabalho dos media é caracterizado por ser uma construção social. Como sublinha o investigador espanhol Aguaded Gómez, formar os jovens de hoje nas novas linguagens audiovisuais é, por isso, o desafio e o compromisso indispensável de uma sociedade que procura o desenvolvimento equilibrado dos seus agentes, isto é, uma actuação livre, responsável, crítica e criativa no espaço público.

Não será, portanto, descabido associar esta área de formação com a cidadania. Ao dotar os indivíduos da capacidade de ler atentamente os media, de compreender as indústrias e as políticas que as norteiam, de os alertar para os direitos e deveres face aos media e a capacidade de tomar a palavra e se exprimir através deles (Pinto, 2003), estamos a promover um movimento de acção social para agir criticamente, assumindo inteiramente a condição de cidadãos responsáveis.

Como refere Caronia (2009:25), o futuro da literacia para os media na era digital constitui um assunto relevante, na medida em que levanta novas questões, reformula as de sempre, e exige respostas por parte dos teóricos, dos decisores políticos e de quem está no terreno.

Em Portugal, a educação para os media tem sobretudo expressão no jornalismo escolar ainda que insuficientemente estudado. Os jornais escolares, sob múltiplas práticas, atitudes, acepções e orientações, comungam da preocupação em conhecer e dar a conhecer e comunicar (Pinto, 2003b: 124-125). No entanto, raramente é assumido como uma dimensão de um projecto mais amplo de educar para os media, mas acaba por o ser na prática.

## Enquadramento do Projecto Trigal Jornal Escolar

### *Dimensão curricular do projecto:*

- Adaptação local do currículo
- Construção partilhada do currículo
- Articulação interdisciplinar do currículo
- Aplicação prática do currículo
- Evolução progressiva e continuidade do projecto

### 1.1. A Dimensão Integradora do Projecto

- Atenção orientada para a comunidade
  - Enfoque nos temas/problemas do meio
  - Interacção com entidades locais
  - Colaboração com a imprensa local
- Envolvimento da comunidade
  - Apoio à realização de estágios
  - Donativos e compra de publicidade

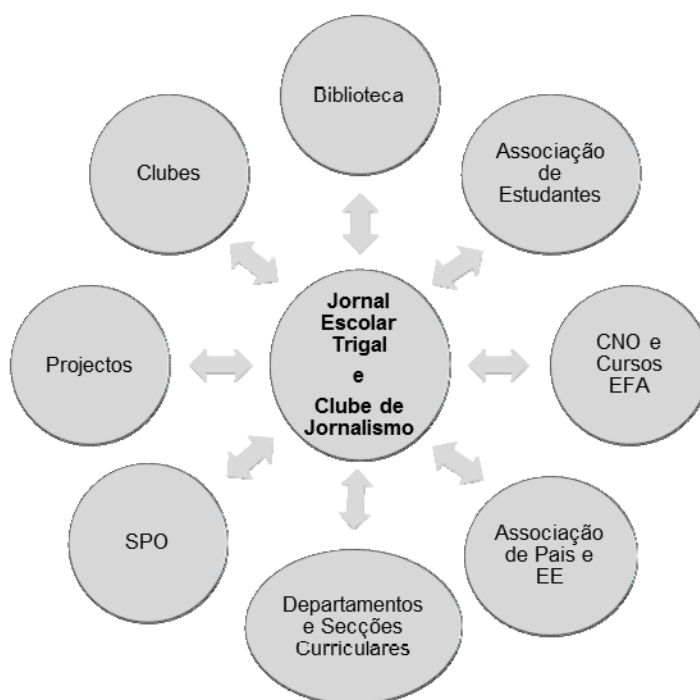
### *Objectivos*

- Dar visibilidade às múltiplas iniciativas que, ao longo dos três trimestres, são dinamizadas na escola;
- Elaborar conteúdos que possam vir a ser utilizados em contexto de aprendizagem;
- Contribuir para fomentar a leitura de jornais;
- Desenvolver a literacia;
- Promover competências ao nível da utilização da Língua Portuguesa;
- Contribuir para a aproximação entre os membros da comunidade educativa;
- Servir de canal de comunicação entre a Escola e o Meio;
- Aproximar a escola da actualidade local, nacional e/ou internacional;
- Estimular o pensamento crítico;
- Contribuir para a construção da cidadania;
- Promover visões dinâmicas e problematizadas do mundo actual.
- Concretizar os objectivos enunciados na iniciativa Público na Escola:

- Estimular a prática de um jornalismo escolar crítico e imaginativo;
- Aumentar a importância da utilização dos jornais escolares no processo de ensino/aprendizagem e na construção da identidade das escolas;
- Fazer dos jornais escolares um instrumento cívico para a discussão de temas relevantes para a comunidade escolar e para a promoção de relações entre a escola e o meio envolvente (designadamente as famílias, as colectividades, as instituições e as autarquias);
- Aprofundar o conhecimento das virtualidades e limitações da actividade jornalística;
- Contribuir para o desenvolvimento da Educação para os Media;
- Promover a utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação na produção de jornais escolares;
- Utilizar o jornal escolar como um instrumento de divulgação científica.

(cf. [www.publiconaescola.pt](http://www.publiconaescola.pt))

*Articulação e estratégia de implementação: o “Trigal” como charneira entre as diferentes valências da escola e como ponto de encontro do trabalho colaborativo.*



## Doze anos do Projecto Trigal Jornal Escolar

No ano lectivo de 1994/1995, inserido no Curso Tecnológico de Comunicação e Difusão, surge o primeiro passo na criação de um jornal escolar na Escola Secundária de Caldas das Taipas. António Bárbolo, professor de Português e da disciplina de Comunicação e Difusão do citado curso, e José Augusto Araújo (professor de Biologia e Trabalhos de Aplicação), avançam com a ideia de publicar um “jornal de tiragem irregular editado pelos alunos do 11º H”. Em homenagem à turma, designam esse projecto de 11º Hábito. Neste primeiro ano, a publicação era feita através de fotocópias A3 dobradas a meio. Logo neste primeiro contacto com o mundo do jornalismo, o “11º Hábito” marcou pontos. A história das piranhas no Rio Ave teve início num texto de duas jovens alunas, sob o nome jornalístico de “Mahomed Ali Voujá”, que, para alertarem para o problema da poluição deste rio, deram conta do trágico acontecimento de “um jovem agricultor de 80 anos que, ao tomar banho no rio Ave, foi atacado pelas piranhas e, segundo algumas fontes, ficou sem a sua”. O que é certo, é que o texto, reformulado, chegou ao jornal paroquial “O Pilar”, da freguesia de Ponte (Guimarães). O texto rapidamente passou para os jornais regionais e de âmbito nacional e a um posterior tratamento e análise em algumas televisões e em semanários de referência. Este processo, paradigmático daquilo que um jornalista não deve fazer, serviu ainda de base para algumas abordagens de estudos universitários.

No ano lectivo seguinte, a turma de Comunicação e Difusão manteve a publicação e em 1996/97 o “11º Hábito” teve uma primeira experiência em papel de jornal, saindo em separata na edição de Janeiro do jornal Reflexo, publicação periódica de informação geral e expansão regional, com sede na vila de Caldas das Taipas. Em 1997/98 o “11º Hábito” viria a ser substituído por uma revista.



Fig. 1: As capas dos dois primeiros números do “Notícias do Trigal”.

No entanto, essa experiência na elaboração e construção de um verdadeiro jornal serviu para que, no ano lectivo de 1998/1999, o novo professor, oriundo da disciplina de História e responsável pela disciplina de Comunicação e Difusão, Américo Costa (coadjuvado pelo professor Anselmo Freitas), apostasse na criação de um jornal escolar, na verdadeira acepção da palavra. Muda o título e o jornal da Escola Secundária de Caldas das Taipas passa a designar-se por “Notícias do Trigal”, indo buscar o nome ao local onde foi implementado esse estabelecimento escolar. O primeiro número do “Notícias do Trigal”, que passaria a ter uma edição trimestral (três edições ao longo do ano lectivo), deu à estampa em Janeiro de 1999 e assumia-se como “um espaço de comunicação da

Escola Secundária de Caldas das Taipas”. Neste seu primeiro editorial escrevia-se que o jornal procuraria “contrariar a lógica celular da dispersão e do silêncio, recolhendo a palavra dentro e fora da escola a fim de que a escola possa ser mais que uma simples palavra”.

A existência do Curso Tecnológico de Comunicação na Escola Secundária de Caldas das Taipas foi determinante para o aparecimento da primeira experiência (“11º Hábito”) e, posteriormente, para o aparecimento do “Notícias do Trígal”. Os alunos que frequentaram este curso puderam, com a edição do jornal, ter o seu primeiro contacto com a actividade jornalística e, por outro lado, a escola passou a ter um veículo de divulgação e projecção do que se passava pois, com a devida vénia, tudo o que se passava na escola passava no Trígal.

Uma estabilização do projecto surge com a entrada do professor de Geografia e também de Comunicação e Difusão e Trabalhos de Aplicação, Alfredo Oliveira, no ano lectivo de 1999/2000. A orientação do “Notícias do Trígal” esteve a seu cargo durante dez anos, até 2008/2009, o que corresponde a trinta edições. No primeiro ano coadjuvado pela professora Sónia Torrinha, depois pelos professores Francisco Araújo até 2004/2005, e João Araújo em 2005/2006.

Com as disciplinas já referidas do curso Tecnológico de Comunicação, a escola teve, nesses anos, uma verdadeira oficina de formação, um laboratório de experiências para os alunos desse curso, conseguindo articular a vertente curricular (mais ligada à escola), com uma dimensão socializadora (vocacionada para a ligação ao meio em que a escola se insere), aprofundando a vertente profissionalizante (culminada, nesse período, com a realização de estágios profissionais).

O desenvolvimento destas dimensões permitiu que o jornal escolar nunca fosse visto nem encarado como um projecto simplesmente de carácter lúdico. Esta publicação escolar promoveu, desde essa altura, aprendizagens relevantes junto dos alunos e contribuiu para uma maior formação nos domínios social e profissional dos alunos envolvidos.

O ano lectivo de 2005/06 fica marcado pela extinção do Curso Tecnológico de Comunicação e Difusão, onde estava ancorado o jornal escolar. No ano lectivo seguinte, pela primeira vez, o jornal deixou de estar ligado ao Curso Tecnológico de Comunicação e passou a estar sob a coordenação da disciplina de Área de Projecto “Oficina de Comunicação”, do 12º ano de escolaridade. Trata-se de uma área não disciplinar, inscrita no currículo do ensino secundário, com uma natureza interdisciplinar e transdisciplinar visando a realização de projectos concretos por parte dos alunos, com o fim de desenvolver nestes uma visão integradora do saber, promovendo a sua orientação escolar e profissional e facilitando a sua aproximação ao mundo do trabalho.

Uma das principais utilidades pedagógicas deste projecto é o de permitir uma formação integral do aluno nos domínios social, ético, cívico e mesmo profissional. Com o jornal os alunos vão desenvolvendo capacidades de escrita, de investigação e acabam por ter uma experiência real do que é ser jornalista, com as suas virtudes e as suas problemáticas. Esta experiência revelou-se decisiva para alguns alunos, pois viriam a seguir uma formação universitária ligada à comunicação social em resultado directo dessa experiência, encontrando-se alguns deles, neste momento, com uma carreira profissional nesta área.

Esta âncora, numa primeira fase o Curso Tecnológico de Comunicação e, posteriormente, a Área de Projecto, tem-se revelado fundamental na manutenção do jornal escolar. Sem esse suporte, não será fácil a existência de uma publicação escolar de qualidade, nem tão pouco a sua própria existência. Se este é um elemento considerado fundamental, existem outros dois factores essenciais à existência deste tipo de projecto. Por um lado, a existência de uma direcção determinada ou, por outras palavras, de docentes que assumam a orientação do jornal e se mostrem disponíveis para canalizar muito do seu tempo livre para todos os trabalhos inerentes à edição do jornal. Sem um rumo definido e sem essa disponibilidade, o jornal escolar não consegue manter uma publicação regular. Um terceiro factor que se pode referenciar é o apoio da direcção da escola. À redacção do jornal terá



de lhe ser dada autonomia editorial e a comunidade educativa tem de sentir que se trata de um projecto da escola e para a escola.

No início desta publicação escolar, existiam mais dúvidas do que certezas. Os professores envolvidos tinham uma formação fora da área do jornalismo. Que tipo de jornal devia ser criado? Que caminho devia seguir? Quais os seus objectivos? A envolvência da escola e da comunidade e a sua sustentabilidade eram questões que se levantavam e estavam no topo das preocupações dos responsáveis.

Como a experiência nos ensina, criar um projecto é uma tarefa árdua mas conservar a chama acesa e mantê-lo mais complicado é. Mais difícil do que criar um projecto jornalístico é a sua própria manutenção. Desde o início que se perspectivou o jornal como um veículo onde os alunos pudessem desenvolver a capacidade de expressão, a criatividade e principalmente o espírito crítico. Numa sociedade onde a proliferação de informação pode levar quase a uma nova forma de censura, a capacidade de descodificar e “ler com olhos de ler” a informação que nos chega de todos os lados torna-se fundamental na formação dos jovens leitores e jornalistas. Daí que um jornal tem de permitir e ajudar na formação integral dos alunos nos domínios social, ético e cívico. Tudo isto tem sido preocupação do “Trigal”.

Fazer do jornal escolar um instrumento cívico para a discussão de temas relevantes para a comunidade escolar e para a promoção de relações entre a escola e o meio envolvente foi, naturalmente, uma preocupação dos seus responsáveis. Em todas as edições são tratados temas onde isso é evidente. A colaboração e a envolvência dos professores e alunos, bem como das diversas estruturas existentes na escola, foi sempre um objectivo deste projecto.

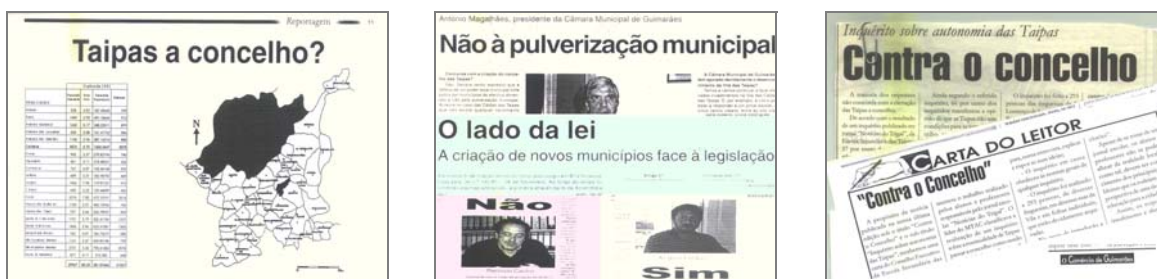


Fig. 2: A questão da eventual criação do concelho de Caldas das Taipas mereceu especial atenção do jornal. O trabalho foi alvo de atenção dos jornais concelhios e levou mesmo, da nossa parte, ao exercício do direito de resposta

O jornal "Trigal" adoptou o formato tablóide e tem mantido uma periodicidade trimestral ininterrupta, estando nas bancas no final de cada período lectivo, com uma tiragem que varia entre os 700 e 1000 exemplares.

O “Trigal”, como já vimos, não é um jornal que vive da compilação dos melhores trabalhos dos alunos. Também não podemos esquecer que, como já foi referido, estamos a falar de professores que não são profissionais da área. À frente do jornal surgem docentes licenciados em História, Geografia e Português, áreas, poderíamos dizer, não muito relacionadas com o jornalismo. O domínio das ferramentas utilizadas para a produção do jornal é uma das áreas que exige muita disponibilidade de tempo, fora do horário lectivo, aos docentes responsáveis. O Word é utilizado para a elaboração e tratamento de texto e o Excel para os gráficos. A paginação e o tratamento das imagens pretende-se que seja realizada também pelos alunos. Para que tal aconteça, os docentes têm de aprender a utilizar o Photoshop para o tratamento das imagens e o Pagemaker (no início) e o InDesign (actualmente) para a composição e paginação.



A intervenção dos alunos em todas as áreas da produção de um jornal escolar tem sido uma das preocupações dos seus responsáveis, perspectivando futuras áreas de trabalho. Alguns dos alunos que passaram pelo “Trigal” exercem, actualmente, a profissão de jornalista e têm carteira profissional.

A publicidade que existe no jornal é angariada pelos alunos que se dividem em pequenos grupos constituídos para o efeito. Em termos editoriais, o professor e os alunos envolvidos directamente no projecto discutem os textos a inserir e sendo necessário (o que acontece frequentemente) os motivos que levam a que alguns trabalhos ou textos acabem por não ser publicados. Esta fase é a mais desgastante em termos emocionais para o docente/director do jornal. Explicar que tem de existir um nível de qualidade que não se pode baixar, que não se podem publicar textos que, apesar da sua originalidade, vão ofender colegas ou promover comportamentos não aceitáveis numa escola, ou seja, a gestão de emoções dos alunos jornalistas é uma tarefa extremamente desgastante mas que contribui de forma significativa para a formação de cidadãos com um sentido crítico, não só em relação aos media mas à própria sociedade em que estão inseridos.

O caso da ilustração de uma entrevista com Adolfo Luxúria Canibal, líder da banda bracarense “Mão Morta”, na edição 22, de Dezembro de 2005, pode ilustrar o que temos vindo a afirmar. Na foto escolhida pelos alunos o vocalista dos “Mão Morta” surgia com um cigarro na boca. Diziam os alunos, “tem estilo, rebeldia, mostra um certo distanciamento, mas ao mesmo tempo cativa”. Mas num tempo de fortes campanhas contra o uso do tabaco pela população em geral, um jornal escolar colocar uma foto do entrevistado a fumar não seria o mais adequado e, talvez não fosse, o mais aconselhado.

A manipulação de imagens já tinha sido discutida na turma e a questão voltava-se a colocar. “Bom senso ou censura” foi a discussão que transbordou para a edição 158, do boletim Público na Escola, onde foi reportada toda esta situação. Como os alunos defendiam a manutenção da foto, a situação de compromisso foi a de um, perito no Photoshop, “apagar” o cigarro que o Adolfo Luxúria Canibal fumava. Ainda hoje, será a situação que nos suscita mais dúvidas quanto à solução encontrada.



Fig. 3: Do lado esquerdo, a foto original ainda com Adolfo Luxúria Canibal com o cigarro e atrás uma pessoa que foi pacificamente “eliminada”. Na foto da direita, a composição da página de abertura da entrevista.

Quando, finalmente, o jornal está impresso, os alunos transformam-se em ardinas e passam por todas as salas de aulas para venderem o “Trigal”, bem como pela vila de Caldas das Taipas. Desde o início que o jornal escolar é pago, isto é, tem um custo para os leitores. A opção por um

jornal gratuito nunca recolheu defensores. Os alunos têm de sentir que estão perante um produto com qualidade e que essa qualidade tem um custo inerente.

Em relação ao conteúdo, o jornal tem um carácter informativo e formativo, não esquecendo a vertente lúdica. Retrata os principais acontecimentos da escola mas não esquece o meio em que se insere e a realidade nacional e internacional.

Esta preocupação começou a ter resultados com um reconhecimento externo. A edição do segundo período de 2000 (edição nº 5), ficou marcada pela publicação de um trabalho de investigação, a “(In)Segurança Rodoviária”, que foi o vencedor do concurso “Criatividade, Segurança Rodoviária”, iniciativa dos Ministérios da Administração Interna e da Educação, no âmbito do Ano de Educação Rodoviária. Nesse mesmo ano lectivo, o trabalho sobre a eventual criação do concelho de Caldas das Taipas foi alvo de atenção dos jornais concelhios e levou mesmo, da nossa parte, ao exercício do direito de resposta face ao extrapolado nesses jornais.

No ano lectivo de 2001/2002, obteve uma Menção Honrosa no Concurso Nacional de Jornais Escolares promovido pelo jornal “Público” e, no ano seguinte, obteve o primeiro prémio do I Concurso de Jornalismo Escolar, promovido pelo Gabinete de Imprensa de Guimarães - Associação de Profissionais e Colaboradores da Comunicação.



Fig. 4: As capas dos números 9 e 14 como exemplos da evolução gráfica.

Em 2003, os alunos do Curso Tecnológico de Comunicação e Difusão são chamados para colaborar, em termos de apoio logístico, no campeonato mundial de andebol realizado em Guimarães. Nesse mesmo ano, o trabalho intitulado “Uma vida entre duas cidades”, tendo como base o facto da Vila de Caldas das Taipas estar localizada (e em parte dividida) entre Guimarães e Braga, mereceu grande destaque no Jornal de Notícias de 1 de Junho de 2003. A partir desta altura, passou a ser frequente os jornais regionais e alguns de âmbito nacional explorarem algumas notícias ou reportagens publicadas no “Trigal” e dizemos “Trigal”, pois o “Notícias” deixou de estar a identificar esta publicação no início de 2002/2003.

A partir de 2004/2005, o “Trigal” começou a publicar uma série de entrevistas com personalidades que se destacavam a nível concelhio e com projecção nacional e mesmo internacional e outras individualidades que os alunos consideravam cativantes. Alguns jogadores de

futebol passaram pelo “Trigal”, caso de Nuno Assis, Hélder Postiga e Ricardo Carvalho, na altura entrevistado em Londres, durante umas férias de três alunas; os treinadores de futebol Jesualdo Ferreira e Manuel Cajuda; os cartoonistas Luís Afonso e António; os músicos Adolfo Luxúria Canibal, Zé Pedro, Mafalda Veiga e Sofia Escobar; o alpinista João Garcia, o jornalista e escritor José Rodrigues dos Santos e a activista portuguesa contra a pobreza, Isabel Jonet, foram outros nomes que passaram pelos questionários dos alunos envolvidos no jornal escolar.

O ano de 2006/2007 foi também um ano gratificante para todos os que trabalhavam no jornal escolar, pois viria a obter o primeiro prémio do Concurso Nacional de Jornais Escolares, promovido pelo jornal “Público”, no escalão de jornais escolares de escolas secundárias e profissionais e conquistou, novamente, o primeiro prémio do III Concurso de Jornalismo Escolar, promovido pelo Gabinete de Imprensa de Guimarães - Associação de Profissionais e Colaboradores da Comunicação.



Fig. 5: Capa do nº 30 e do nº 33 (juntamente com os números 31 e 32 obteve o 1º lugar no concurso Público na Escola (2008-2009).

Apesar de o jornal não ter obtido qualquer reconhecimento externo no ano lectivo de 2007/2008 merece uma referência especial. Foram três edições extraordinárias que envolveram um grupo de alunos com um dinamismo e qualidade invulgar. O caso de uma reportagem na capital inglesa “London, here we go!”, por parte de três alunas, é exemplificativo. Sabendo que tinham marcado uns dias de férias em Londres, o professor lançou o desafio de entrevistarem Ricardo Carvalho, na altura jogador do Chelsea e com proximidades familiares na vila de Caldas das Taipas. As alunas tiveram arte e engenho de realizar essa entrevista na casa do jogador em Londres e de ainda obter a primeira entrevista concedida pela cantora e actriz Sofia Escobar, natural de Guimarães, no “Her Majesty’s Theatre”, o teatro onde actuava na peça “Fantasma da Ópera”.

Em 2008/2009, viria a obter, pela segunda vez, o primeiro prémio do Concurso Nacional de Jornais Escolares, promovido pelo jornal “Público”, no escalão de jornais escolares de escolas secundárias e profissionais.

Um novo ciclo do jornal iniciou-se com a saída do professor Alfredo Oliveira e a entrada da professora de História, Alexandra Vieira, no ano lectivo de 2009/2010, como responsável pela edição



do “Trigal”. Este ciclo fica também marcado pela anunciada extinção da disciplina “Área de Projecto”, onde estava ancorado o jornal escolar. Assim, levantam-se algumas dúvidas quanto à continuidade deste projecto no ano lectivo de 2011/2012.



Fig. 6: Capa do último número do Trigal e do suplemento comemorativo do Centenário da República.

### Considerações finais

A educação para os media necessita ainda, para se afirmar e aprofundar, de uma visão estratégica. De acordo com Pinto, podemos apontar como desenvolvimento futuro a tónica na apropriação por parte de toda a comunidade do jornal escolar, utilizando a metodologia do trabalho colaborativo e em cooperação, sensibilizar os professores, participar na reflexão alargada e aprofundada sobre o papel dos media na vida das crianças e dos jovens, participar e integrar grupos de trabalho, reflectir e problematizar (Pinto, 2003b:132).

A educação para os media oferece uma oportunidade de realizar os direitos de cidadania sob a condição de ser garantida a protecção dos direitos individuais, uma maior igualdade no acesso a um recurso estratégico que é a informação, e a capacidade para as crianças e os jovens conseguirem mobilizar os direitos que lhes são reconhecidos no quadro da Convenção (Pereira, 2000:5).

Por isso, devemos analisar os media não apenas como “suportes ideológicos dos sistemas hegemónicos de pensamento ou estruturas de dominação oculta que viam o triunfo de uma unívoca e linear racionalidade instrumental [...] mas também como lugares de produção de estratégias que visam reformular o processo social” (Correia, 2002:4).

O suporte em papel continua a ser importante ou deve ser preterido pelo on line? Pode ser contra-hegemónico (na senda do conceito de hegemonia de Gramsci), aliás como tem vindo a acontecer com os jornais em geral? Na esteira do conceito de esfera pública de Jürgen Habermas, a Internet promove a descentralização do poder enunciativo e o alargamento do espaço público. No entanto, mais do que ampliar as tecnologias, pode implicar a fragmentação da audiência em nichos: todos publicam, mas poucos são lidos (Dourado, 2010:5).

As inúmeras concepções de cidadania variam de acordo com as disciplinas e diferentes correntes de pensamento. O conceito de cidadania assume duas dimensões de carácter distinto mas complementar: a dimensão formal que se consubstancia num conjunto de direitos e deveres, e a dimensão social que assenta na identidade e nas práticas. Ser cidadão passa não só por ‘cumprir

regras', mas sobretudo, por participar de forma activa, com vista a transformar os contextos sociais dentro da pluralidade (Macedo, 2005:335).

A promoção da cidadania é um desafio educacional para o qual as Ciências da Educação podem ser convocadas e não marginalizadas, descontextualizadas ou esvaziadas de sentido. A cidadania tem na educação a sua essência e a sua raiz, embora continue um exercício pela vida fora e em todas as dimensões do indivíduo. No entanto, para que isso aconteça, é necessário um debate profundo na sociedade e não apenas esgrimir argumentos supérfluos, pouco profundos e enviesados, muitos deles defendidos por especialistas de outras áreas, tornados à pressa fazedores de opinião, no que à educação diz respeito. Frequentemente, nestas visões da educação, persiste a lógica da escola como espaço e tempo de transmissão de conhecimento, com ênfase na componente cognitiva e na avaliação, com forte componente na formação de professores, o que limita a diversidade e a criatividade e dificulta a educação para a cidadania. Por outro lado, inúmeras vezes constata-se que nem sempre os conceitos querem dizer o mesmo e que são abundantemente adjectivados, acompanhando a tendência actual de não problematizar os diferentes sentidos e as acepções (cf. Vieira, 2005:6-12).

Em tempos de transição (ou de hiper-desenvolvimento, para outros autores), as expressões e os conceitos embebem de polissemia, dependendo o seu sentido do actor que o(os) invoca. A este propósito, David Buckingham (2009:19-22) aponta as imbricações entre literacia para os media e a literacia digital nos discursos políticos e refere o facto de a primeira se dispersar na retórica da segunda. No entanto, este autor afirma que as escolas se mantêm como essenciais, quanto mais não seja porque é nesse espaço que crianças e jovens passam a maior parte do seu tempo. O autor vai mais longe e afirma que "the school is the key public sector institution that ought to support the rights and actions of citizens; and despite the predictions of some technological enthusiasts, it is not going to disappear any time soon" (*idem*:24).

Sintetizando, e a partir de Oliveira (2003:296-297), educar para os media é um processo investigatório, que se articula à volta de instrumentos de análise e de reflexão sobre como ler os meios de comunicação. É um processo a longo prazo, na medida em que se inicia antes da escolaridade e prolonga-se pela vida, tem de desenvolver o espírito crítico e a autonomia crítica, de modo a reconhecer diferentes pontos de vista, identificar diferentes leituras das mensagens, interpretar a realidade e descodificar mensagens e mecanismos de manipulação, utilizar técnicas de investigação e desenvolver a expressão.

Cidadãos informados reflectem necessariamente sobre as mensagens, pois elas são construções e não meras janelas para os acontecimentos (Buckingham, *in* Tomé et al, 2007:34). Daí a importância da literacia para os media – permite aos cidadãos serem receptores críticos e produtores reflexivos de informação (*idem, ibidem*).

Das experiências europeias que avaliou, David Buckingham destacou a área de projecto, em Portugal, como espaço privilegiado para abordar a literacia para os media, de que tem sido exemplo a Oficina de Comunicação, na Escola Secundária de Caldas das Taipas. Por seu lado, os jornais escolares representam a ligação entre os media tradicionais e os media mais recentes. O jornal escolar é um media de acesso fácil e barato, cuja produção continua actual, pois assegura ligação entre a escola e a realidade ao incorporar todas as dimensões jornalísticas.

## Bibliografia

- BUCKINGHAM, David (2009). "The future of media literacy in the digital age: some challenges for policy and practice". In EuroMeduc (org). *Media literacy in Europe Controversies, Challenges and Perspectives*. Bruxelas: Comissão Europeia para a Informação, Sociedade e Media, 13-24.
- CARONIA, Letizia (2009). "Media Literacy: appropriation and empowerment". In EuroMeduc (org). *Media literacy in Europe Controversies, Challenges and Perspectives*. Bruxelas: Comissão Europeia para a Informação, Sociedade e Media, 25-31.
- Carta Europeia de Literacia para os Media, disponível em <http://www.euromedialiteracy.eu/index.php?Pg=charter&id=4> (acedido a 23 de Fevereiro).
- Convenção dos Direitos da Criança, disponível em [http://www.unicef.pt/docs/pdf\\_publicacoes/convencao\\_direitos\\_crianca2004.pdf](http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf) (acedido a 23 de Fevereiro).
- CORREIA, João C. (2002). "Cidadania, Comunicação e Literacia Mediática". In Biblioteca On line de Ciências da Comunicação. Disponível em <http://www.bocc.uff.br/pag/correia-joao-carlos-Media-Publico-Literacia.pdf>. (acedido a 23 de Fevereiro).
- DOURADO, Mariana (2010). "A Esfera Pública no Jornalismo Cidadão Online – reflectindo a reconfiguração do conceito de Habermas nas práticas colaborativas da notícia". In Biblioteca On line de Ciências da Comunicação. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/bocc-jornalismo-mariana.pdf>. (acedido a 23 de Fevereiro).
- MACEDO, Lurdes (2005). Educação e Literacia para os Media na Promoção da Cidadania. In FIDALGO, António et al. Actas do 4º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 4º SOPCOM, 333-342.
- OLIVEIRA, Aníbal (2005). "A investigação e o desenvolvimento da Comunicação Audiovisual na universidade: a Universidade Fernando Pessoa como estudo de caso". In FIDALGO, António & SERRA, Paulo. Actas do III SOPCOM. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 291-298.
- PEREIRA, Sara (2000). "Educação para os Media e Cidadania". In Cadernos e Educação da Infância, 56, 27-29. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4768> (acedido a 23 de Fevereiro).
- PINTO, Manuel (2003a). "A educação para os media, uma aposta com futuro". In Gómez, J. I. Aguaded (Dir). *Congresso Ibero-americano de Comunicação e Educação Luzes no labirinto audiovisual*. Huelva: Grupo Comunicar Editores (46-56).
- PINTO, Manuel (2003b). "Correntes da educação para os media em Portugal: retrospectiva e horizontes em tempos de mudança". In Revista Iberoamericana de Educación, (119-143).
- TOMÉ, Vítor, MENEZES M. Helena, MIRANDA, Guilhermina & PONTE, Cristina (2007). "O CD-Rom 'Vamos fazer jornais escolares': um contributo para a inserção da literacia dos media e da TIC nos currículos". In DIAS, Paulo & VARELA Cândido Org). Actas da V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação. Braga: Universidade do Minho, 33-45.
- VIEIRA, Alexandra (2005). *Educação e Sociedade da Informação: uma perspectiva crítica sobre as TIC em contexto escolar*. Braga: Universidade do Minho.
- VIEIRA, Nelson (2006). "Educação com os Media, Educação para os Média". In Proformar, nº 17, 5. Disponível em [http://www.proformar.org/revista/edicao\\_17/educacao\\_para\\_media.pdf](http://www.proformar.org/revista/edicao_17/educacao_para_media.pdf) (acedido a 23 de Fevereiro).